



GRUTA AZUL, NA ITÁLIA, SOFRE COM ATENTADOS



Policiais impedem o acesso de turistas à Gruta Azul, em Capri
(Foto: AP)

Terrorismo ambiental, ódio aos turistas ou um ato da chamada eco-máfia – não se sabe – mas a famosa Gruta Azul, na Itália, tem sido alvo de vários atentados recentemente.

A polícia foi alertada para a presença na água de uma espuma tóxica não identificada. O local é um dos pontos mais visitados pelos que se deslocam à ilha da Capri, na costa napoletana.

A gruta foi fechada para visitas e, a princípio seria reaberta após uma semana. Há alguns dias um empresário da ilha foi detido enquanto jogava garrafas de vidro quebradas na água.

Uma outra tentativa de poluir a gruta foi protagonizada no dia 18 de agosto por trabalhadores de uma empresa turística que despejaram águas residuais (esgoto) na gruta.

Adaptado de <http://pt.euronews.net> e UOL Notícias com informações da Associated Press

CAMINHADA À SANTA DO PAREDÃO, PARANÁ



Caminhada à Santa do Paredão, Jaguariaíva. (Foto: Acervo Departamento de Comunicação da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná)

O evento religioso ocorre todo último domingo do mês de maio em Jaguariaíva, Paraná. As origens da Santa do Paredão remontam aproximadamente ao ano de 1920, quando um morador local, senhor Justino de Miranda, contava que caçadores haviam localizado uma imagem de uma santa. Mais

tarde, ao voltarem para buscá-la, constataram que ela havia mudado de lugar, para o alto do paredão. O local é freqüentado por romeiros e, anualmente, promove-se uma Caminhada da cidade até o local, onde se celebra missa e se instalam barracas de comidas e artigos diversos, recebendo romeiros de várias regiões.

Mais informações na próxima página.

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná

GRUTA DO MOLHA, JARAGUÁ DO SUL-SC

O evento religioso ocorre todo último domingo do mês, organizado pela Comunidade Católica Nossa Senhora do Rosário, do Rio Molha. Após a missa dedicada à Nossa Senhora de Lourdes, a Associação de Moradores faz homenagem às famílias mais antigas do Molha, como forma de reconhecer o esforço pela construção da comunidade. A primeira capela foi edificada por volta de 1889 e servia também de escola.

Os padres vinham de Ascurra, trimestralmente, celebrar missas, batizados, crismas e casamentos. A segunda sede da comunidade foi em estilo enxaimel e possuía um quadro de Nossa Senhora do Rosário trazido da Itália pela família de Pedro Bassani.

Em 1961 foi inaugurada a terceira sede da capela, sendo a atual inaugurada em 1966. Em 1971 era inaugurada a gruta. As doações das famílias é que puderam viabilizar todas as edificações e perpetuar a religiosidade local.



Jornal do Vale do Itapocu

LENDAS E A SANTA DO PAREDÃO, JAGUARIAÍVA, PR

Conta-se que pelos idos de 1820, quando Jaguariaíva ainda não existia e era apenas uma vasta área de terra cheia de matas e campos, num raio de mais de uma centena de quilômetros, pertencendo à Vila de Castro, surgiu a lenda da Santa do Paredão.

A origem exata da imagem da santa ninguém sabe. O que chama a atenção até hoje, é o surgimento do desenho de uma imagem na pedra, num paredão, à uns 80 metros de altura, trabalhado pela natureza de modo admirável.

Muitas histórias surgiram com o passar dos anos. Uma delas, contada pelo senhor Jostino de Miranda, morador na época, nas imediações do paredão, diz que às margens do rio, alguns homens caçavam e já depois do meio-dia, sem que tivessem tido sucesso na caçada, ouviram repentinamente os latidos dos cães furiosos. Correram para verificar o que acontecia. Os cães continuavam latindo sem parar. O terreno era muito irregular, mata muito fechada e os cachorros haviam se embrenhado num local de acesso muito difícil. Após vencer os obstáculos, verificaram que os cães, muito bravos, latiam e investiam contra alguma coisa.

O primeiro caçador a chegar, vê então uma cena da qual nunca mais se esquecerá: os cães, aos pés de um alto paredão de pedra, latindo contra um fecho forte de luz, que dele emanava. Essa visão foi testemunhada por todos os caçadores que viram. No meio do mato, ao pé do paredão, no meio de uma forte luz azulada, estava aparecendo a imagem de uma santa. Uma imagem de santa que eles nunca tinham visto, porém imaginavam que era de uma santa.

A religiosidade aflorava naquela época e os caçadores imediatamente voltaram para o povoado, a quase trinta quilômetros, contando a todos o que viram. As pessoas ficavam admiradas e logo começaram a visitar o local. E, não muito tempo depois, iniciaram-se algumas romarias para ver a Santa do Paredão.

Alguns já falavam em construir uma capela, mas, de repente, ninguém mais via a santa. Ela havia preparado uma surpresa. A imagem, vista pelos caçadores, inicialmente na parte baixa do paredão, não mais aparecia ali. As aparições pararam por um tempo. Mas não demorou muito para que voltassem a acontecer. Só que, a partir de então, no centro do paredão, em local a que jamais se poderia chegar, pois o paredão tinha cerca de 100 metros de altura. Esses fatos, que tiveram registros a partir de 1820 em Jaguariaíva, contêm uma curiosa coincidência com o grande fenômeno religioso do Brasil. Aconteceram, paralelamente, as aparições de Nossa Senhora Aparecida, a versão negra da mãe de Jesus, no Rio Paraíba, no Estado de São Paulo.

A época era a do tropeirismo. Por ali passava o histórico Caminho de Viamão. E os maiores divulgadores da história da Santa do Paredão foram os tropeiros, que transportavam de tudo, levando de Viamão-RS à Sorocaba-SP mulas carregadas de produtos. Ao passarem por ali, encantavam-se com tudo que ouviam. Era na época o único meio de transporte e comunicação. Eles se incumbiam de espalhar pelo Brasil a fama da religiosidade da região e da Santa. Isso com certeza ajudou a convencer o Imperador do Brasil, Dom Pedro I, no dia 15 de setembro de 1823, a assinar o alvará elevando a Fazenda Jaguariaíva à condição de Freguesia.

O paredão em que aparece a Santa fica na zona rural do município de Jaguariaíva, à 22 km do centro da cidade, na estrada PR 092, ainda sem pavimentação, que liga a cidade com o Distrito Eduardo Xavier da Silva, Sertão de Cima e o município de Doutor Ulysses. Existem placas que orientam o motorista para chegar com facilidade ao local, que é muito freqüentado por romeiros.

No mês de maio, último domingo do mês, é realizada uma Caminhada Ecológica com a participação de milhares de pessoas que saem a pé do centro da cidade e caminham os 22 km até o local onde é realizada a missa e festa com barraqueiros. Muletas, fotos e objetos dos mais variados são depositados num lugar, parecido com uma gruta, durante o ano todo, ali queimam velas em agradecimento por graças recebidas.

Muitos são os testemunhos de pessoas que alcançaram cura ou graças diversas pela intercessão à Santa do Paredão.

Fonte: Informativo Paroquial Nós e A Minúscula nº. 272. Ficha preenchida por Augustinho Argemiro Ludwig.

DESTRUIDORES DA HISTÓRIA

Por Marcelo Bortoloti



CACHOEIRA DO ENCANTADO, BAHIA: depredação de um patrimônio ainda pouco conhecido e estudado (Foto: Julio Cesar Mello de Oliveira)

O Brasil é dono de um dos mais extensos e diversificados conjuntos de arte rupestre do mundo. Dele, conhece-se apenas uma pequena parte. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) registra a existência de 2 000 sítios arqueológicos com pinturas e inscrições pré-históricas, mas estima-se que esse número possa ser dez vezes maior. Esses registros gravados em rochas datam de até 40 000 anos atrás e constituem um patrimônio precioso e frágil por natureza, exposto à ação do tempo e das mudanças climáticas. No Brasil, à essa agressão inevitável soma-se uma praga vergonhosa. Aqui, o grande inimigo da conservação é o vandalismo. Pinturas milenares têm sido depredadas por pichações, fogueiras, gado – e até por cartazes de propaganda eleitoral. Em janeiro deste ano, no Parque Nacional do Catimbau, em Pernambuco, inscrições rupestres feitas há 6 000 anos foram destruídas depois de uma disputa entre guias que trabalhavam informalmente na região. Um deles sentiu-se lesado pelos colegas e

jogou um balde de tinta vermelha sobre os desenhos. Até hoje ninguém foi indiciado.

Nos precários levantamentos do Iphan, a depredação atinge 3% do patrimônio. Levantamentos feitos por instituições estaduais dão uma idéia mais precisa do problema. A Universidade Estadual da Paraíba está fazendo o Mapa da Destruição no estado, cujo tesouro mais precioso é a Pedra do Ingá, um bloco de 24 metros de largura e 3 de altura coberto de grafismos misteriosos. Até agora, pesquisadores visitaram 44 sítios e encontraram marcas de vandalismo em 38 deles. Outra equipe, da Universidade Federal da Bahia, localizou dezoito casos de depredação em 120 sítios pesquisados no estado. País afora esse panorama desolador se repete, sem que se tome providência alguma para barrar a destruição.

O patrimônio rupestre conhecido até agora no Brasil não tem a mesma beleza dos desenhos de locais célebres como as grutas de Lascaux, na França, e de Altamira, na Espanha. Mas os cerca de 20 000 sítios formam uma das maiores concentrações do mundo de pinturas ainda não estudadas. Eles estão espalhados por todo o país e guardam desenhos de diferentes períodos. Alguns são inscrições geométricas, outros sugerem animais, rituais, cenas de luta. São uma ferramenta importante para os estudos sobre o processo de ocupação do continente americano, além de seu valor como registro artístico. Sua destruição é preocupante porque recai sobre material que ainda não foi sequer cadastrado e examinado. Desde 1961, o Iphan é responsável pela fiscalização desses sítios. Mas, até 2006, em seu quadro havia apenas seis arqueólogos. Atualmente há quarenta, um efetivo ainda ínfimo. "São milhares de sítios, muitas vezes em locais de difícil acesso, e pinturas isoladas, que ficam a centenas de quilômetros umas das outras. É impossível vigiar tudo", diz o diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan, Dalmo Vieira Filho.

A solução, entretanto, não está fora de alcance. "Na Austrália, as pinturas também são espalhadas, só que há um guarda para vigiar cada sítio", diz a pesquisadora Niède Guidon, diretora do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Desde a década de 1970, a arqueóloga e sua equipe trabalham para fazer desse parque uma referência internacional. Quando decidiram abri-lo à visitação, em 1993, sofreram um revés imediato: em menos de um mês de visitas, começaram a aparecer nomes escritos sobre as pinturas. Desde então, a diretoria do parque só permite visitação com acompanhamento de um guia devidamente treinado, o que praticamente acabou com o vandalismo. Hoje, a Serra da Capivara recebe 10.000 visitantes por ano, tem 240 funcionários e um orçamento anual de 3 milhões de reais, a maior parte bancada por empresas que utilizam o incentivo da Lei Rouanet.

Outros conjuntos expressivos de pinturas, como o do Parque Nacional do Catimbau, em Pernambuco, e o do Vale do Peruaçu, em Minas Gerais, continuam ameaçados pela falta de fiscalização. "Na França, há regiões que vivem do turismo arqueológico. Aqui, ninguém atenta para o número de empregos que pode ser criado em torno dessas áreas", diz Niède Guidon.

TESOURO AMEAÇADO

O Brasil tem um dos mais extensos patrimônios de pintura rupestre do mundo. No mapa, a localização dos principais sítios



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)

<http://veja.abril.uol.com.br/050809/destruidores-historia-p-072.shtml>

JOÃO MARIA, O MONGE DA LAPA, PR [1]

Entre fins do século XIX e a primeira década do XX, o campo brasileiro viu-se sacudido por alguns movimentos populares. De norte a sul surgiram manifestações de cunho religioso, como se o país despertasse de uma enorme letargia.

Conselheiros no nordeste brasileiro (como Antônio Conselheiro, de Canudos, na Bahia) e monges nos sertões meridionais, vários personagens cruzavam os campos de lado a lado, medicando e aconselhando os caboclos, granjeando fama de milagrosos e poderosos. No interior do Paraná, uma figura que aparecia envolta em mistério, antes e durante os conflitos pela posse da terra na região sul do estado, na divisa contestada por Santa Catarina, foi um andarilho conhecido como o Monge da Lapa. Na verdade, foram três os monges que freqüentaram a região, em momentos críticos da história de nosso país.

O primeiro surgiu em meados do século XIX, na década de 40, pouco depois das revoltas liberais que sacudiram o Brasil e pouco antes do término da Guerra dos Farrapos. O segundo marcou sua presença nos anos próximos à abolição da escravidão e do advento da República; em meio à Revolução Federalista temos o seu primeiro registro concreto. Finalmente, José Maria, o terceiro monge, surgiu em 1912, quando a Primeira República incentivava largamente a imigração e a construção de estradas de ferro, com contratos altamente vantajosos para as construtoras.

Entre os dois primeiros existia uma forte semelhança no proceder, a ponto de serem considerados uma só pessoa. "Num dos retratos que corre como sendo do 'santo', estampa-se a legenda: 'João Maria de Jesus, profeta com 188 anos' - como que os dois foram um só" [2].

As explicações de ambos terem utilizado o mesmo nome aparecem na obra de Oswaldo Cabral, quando o autor aponta as razões de tal procedimento. "O povo chamava todos os monges de João Maria. Não sendo João Maria não seria monge"[3].

Ao assumir o nome de seu predecessor, João Maria de Jesus não forçava, ao ver de Cabral, uma impostura, mas assumia para si a memória de santidade do primeiro monge. Místico também, ele encontrava assim a melhor forma de penetração junto às populações interioranas. A mudança do nome marca o início de uma transformação na vida.

Apesar de utilizar os dois primeiros nomes de João Maria de Agostini, nunca tomou o último nome deste, do mesmo modo que nunca afirmou ser o mesmo que percorreu os sertões em meados do século XIX. Afinal, o santo dos sertanejos não era de Agostini ou de Jesus, "... há apenas um João Maria, e não só o João Maria do Contestado, mas o querido João Maria da devoção popular" [4].

Várias são as lendas que permanecem na memória de moradores do interior paranaense e que acabaram por conquistar as cidades, localizando-se em diversas camadas da população, trazidas pelo êxodo rural. Muitas das localidades de Santa Catarina, apontadas a seguir, pertenciam ao território do Paraná e foram repassadas ao estado vizinho após acordo que ratificou a divisão da região contestada, à época do presidente Wenceslau Braz, em 1916.

São lendas que dizem respeito à origem dos monges, lendas sobre profecias, punições, milagres e prodígios e finalmente lendas relativas ao fim dos monges. Estas lendas confundem os monges que as praticaram ou sofreram, sendo atribuídas ao monge simplesmente. Este caráter dúbio é parte da própria estrutura das lendas.

Sobre a origem do monge, do porquê de sua peregrinação pelo sertão, a mais rica lenda que encontramos é a de que sendo cristão, abandonou a religião para se casar com uma moura e combateu o

O MONSTRO DA LAPA, PARANÁ

Esta é uma história que ainda causa arrepios nos cabelos e é contada, à boca pequena, em noites propícias ao aparecimento de fantasmas. Contam os mais velhos a lenda de Santa Ermida, uma gruta de pedra e passagem estreita, onde morava o monge João Maria. Segundo relatam, para as pessoas desprovidas de fé as pedras não se abriam para dar-lhes passagem.

Certa vez, um peregrino dirigiu-se até a Santa Ermida conversar com o monge e saber o motivo de sua estalagem ali, depois de tantas peregrinações. O santo, fitando-lhe os olhos disse-lhe que se encontrava ali para rezar, para que nunca faltasse fé no coração do lapiano, e explicou ao peregrino:

– Meu filho, debaixo da terra encontra-se um monstro imenso, de muitos metros de comprimento, cuja ponta da cauda encontra-se no centro da cidade, na matriz de Santo Antônio, e a cabeça debaixo destas pedras onde fiz a minha morada. Este monstro encontra-se adormecido, mas poderá acordar e destruir a cidade no dia que faltar fé no coração do povo. É por isto que aqui estou, em constante oração e sacrifício, para que nada de mal aconteça a esta pobre gente e a cidade não seja destruída.

Diz a lenda que o povo da Lapa é bastante religioso para que o monstro continue em sua dormência.

Fonte: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná da Gente. Ficha preenchida por Iêda Maria Janz Waitowicz.

exército expedicionário francês. Sendo feito prisioneiro, após a morte de sua esposa, conseguiu fugir e no Egito teve a visão do apóstolo Paulo, que o mandou peregrinar 14 anos (ou 40 em outra versão) pelo mundo, reconvertendo-se assim ao cristianismo. Sua cidade de origem seria, neste caso, Belém, na Galiléia.

Outras lendas davam conta de ser o monge um criminoso, não se dizendo o crime, ou que tivesse seduzido uma religiosa, que teria falecido na viagem para a América. Sua penitência seria vagar solitário pelos sertões. Existe também aquela que dizia ser o monge um apátrida, nascido no mar, de pais franceses, tendo sido criado no Uruguai.

As lendas sobre profecias são também bastante extensas, a começar de seu próprio desaparecimento, quando terminasse sua missão, no morro do Taió, hoje território de Santa Catarina. Previu o aparecimento de uma cidade no local em que estava, o que efetivamente se deu após a definição do litígio sobre a fronteira; seu nome, segundo o monge, seria Santa Cruz, e a cidade chamou-se Cruzeiro e hoje é o município de Joaçaba, SC.

Teria previsto o advento da República alguns anos antes. Previu também os trens e os aviões, no estilo dos antigos profetas. "Linhas de burros pretos, de ferro, carregarão o pessoal". Depois deles, as guerras com as derrotas sucessivas dos sertanejos e "gafanhotos de asas de ferro, e estes seriam os mais perigosos porque deitariam as cidades por terra".

Chegando a uma casa onde uma mãe acabara de dar à luz, reclamou o batismo da criança recém-nascida e somente depois lhe foi contado que a parturiente havia feito promessa de dar o nome de João Maria e convidar o monge para padrinho, se fosse feliz na hora do nascimento

O primeiro monge teria previsto que outros o seguiriam, enquanto o segundo teria indicado a guerra que se avizinhava (a guerra do Contestado), onde os seus seriam dizimados. As lendas de caráter punitivo são muitas, que contrastam com a imagem bondosa do monge. De modo geral, são castigos para aqueles que, desdenhando de sua santidade, não respeitaram regras estabelecidas por ele.

Existem as histórias relativas ao queijo. Conta-se que pedindo um pedaço de queijo em uma fazenda, este lhe foi negado, tendo então repetido a profecia feita para Canoinhas, anunciando o fim da prosperidade da fazenda. Conta-se que uma senhora querendo dar um queijo ao monge, tendo falado a este respeito com seu marido, ordenou-lhe este que lhe fosse dado um outro menor (outra versão diz menor e podre). Segundo uma narrativa teria o monge aceitado apenas um pequeno pedaço do queijo, jogado fora mais da metade, por adivinhar a má vontade do dono. Outros comentam que sendo podre o queijo, João Maria o levou e escondeu sob uma pedra, ou o esmigalhou no pasto, ainda dentro da propriedade do tal fazendeiro. Em todos os casos, a prosperidade da fazenda desandou, chegando, em uma das versões, toda a família à loucura, ou morrendo o fazendeiro na mais miserável pobreza.

Às regiões de pouca fé do povo, predisse pragas, dizendo que aqueles que quisessem salvar suas roças deveriam plantar aquilo que desse sob a terra (tubérculos) - o que realmente aconteceu em Taquara Verde, município de Porto União, SC. Predisse que a localidade de Vila Nova do Timbó, por seu povo ateu, se transformaria num porungal, ou seja, suas terras perderiam a fertilidade. O lugarejo teria realmente regredido.

Ao ser preso na Lapa, predisse castigos dos céus e um violento temporal sobre a cidade. Em duas cidades diferentes, Hamburgo Velho (RS) e outra do Paraná, ao ser apedrejado por crianças que o tomavam por mendigo, perdoou às crianças, mas disse, serenamente, que as cidades seriam apedrejadas como ele. Em ambos os casos, dias depois, uma chuva de granizo arrasou as plantações, castigando a cidade. Tal evento teria também acontecido na Lapa.

Com relação às fontes, contam-se duas lendas de caráter punitivo. Uma seria uma água abençoada por ele, com a previsão de que não se entrasse na fonte para se banhar. Duas prostitutas, tendo ignorado o aviso, banharam-se para curar algumas feridas, o que provocou o ressecamento imediato da fonte.

Nas proximidades da Lapa, uma família tendo comprado uma propriedade, que tinha em suas terras uma fonte benzida, e não crendo no poder da água santa, cercou a área, proibindo a entrada de intrusos. Ao mesmo tempo, ateou fogo ao cruzeiro e ao pinheiro que havia no pouso. Como resultado, perdeu todas as suas posses e ficou louca. As lendas sobre milagres e prodígios fazem parte do maior grupo conhecido. Existia a crença de que em meio às tempestades, o monge permanecia sentado ao relento, mas que não se molhava, bem como nos lugares de determinadas cruzes.

Conta-se também que podia estar em dois lugares diferentes, orando em sua gruta e ao lado de uma doente que invocava por ele. Conta-se que podia ficar invisível aos seus perseguidores, atravessar a pé sobre as águas dos rios, e que suas cruzes cresciam – não só o corpo, como também os braços – ou brotavam 40 dias após o monge tê-las levantado.

Bastões, com a "medida do monge", fincados em cada extremo de uma fazenda protegiam o gado contra doenças. As velas, feitas na medida do palmo do monge, afugentavam os maus espíritos e acalmavam as tempestades.

Conta-se que o monge era imune aos índios e às feras, não sendo jamais atacado por eles. Diz-se também que fazia surgir olhos d'água nos lugares onde pousava. Da mesma maneira, podia se fazer transportar no ar ou desaparecer quando a multidão que o cercava crescia em demasia. As curas são constantes em suas lendas. Teria curado adultos e crianças já à morte com infusões de uma planta chamada vassourinha e rezas. Em Mangueirinha e na Lapa, contam-se casos de curas milagrosas de dores de dentes.

As lendas referentes às galinhas são bastante difundidas. Conta-se que uma senhora ofereceu uma galinha ao monge que não aceitou o presente por ele ter sido dado antes ao diabo. A mulher teria se referido à ave como "galinha do diabo" ao ter esta sujado seu vestido no caminho para a pousada de João Maria, ou praguejado dizendo "que o diabo a carregue", por não ter conseguido pega-la no terreiro, só o fazendo horas depois. É interessante notar, como o faz Oswaldo Cabral, que essa lenda já teria se referido anteriormente às outras pessoas.

Igualmente se conta a lenda da batata. João Maria teria sido convidado a comer batata-doce com leite com uma família, a qual havia incumbido uma escrava de colhê-las. A escrava teria dito que a maior seria dela e não do velho mendigo. Na hora do jantar, todas as batatas da mesa, o monge se recusou a comer a melhor delas por já possuir dono. Pernoitando na dita fazenda, pediu ao amanhecer um cavalo ou burrico, para atender ao chamado de um doente distante. Pedindo um animal manso, foi lhe dado um manco, o qual na volta da jornada não portava nenhuma deficiência no andar. João Maria teria debelado, ainda, uma epidemia de varíola em Rio Negro, afastando a peste com rezas e com 14 cruzes plantadas como Via Sacra na cidade. Ainda hoje existe uma das cruzes na cidade: chama-se cruz de Mafra.

As lendas relativas ao desaparecimento ou morte do monge dão conta que ele teria dito que ao final de sua peregrinação iria para o morro do Taió, região que se sabia habitada por índios hostis, os botocudos. Após a sua morte, seu espírito teria aconselhado um viajante de Guarapuava que foi à sua procura no morro.

Outra tradição diz que morreu de velhice em Araraquara (SP), ou que foi encontrado agonizante próximo aos trilhos da estrada de ferro perto de Ponta Grossa. A crença mais difundida é, no entanto, que não teria morrido. Após jejuar por 48 horas no Taió, o monge teria sido levado por dois anjos para o céu. Em outra hipótese, seu corpo teria se envolvido em luz tão forte que o fez desaparecer, deixando uma marca vermelha no chão, que os incrédulos confundiam com sangue.

Criações do povo, estas lendas formam um conjunto de crenças que demonstram o caráter mágico de sua apreensão da realidade, indubitavelmente belas como demonstração de mentes criadoras.

[1].Parte deste texto foi publicado como integrante da monografia para conclusão do curso de especialização Metodologia do Ensino Superior. CARNEIRO JR., Renato Carneiro. O Monge da Lapa: um estudo da religiosidade popular no Paraná. Curitiba: Faculdades Positivo, 1996.

[2].CABRAL, Oswaldo R. João Maria. Interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1960.

[3]. Idem.

[4]. Idem.

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná

IMAGEM DA PADROEIRA CHEGA À CATEDRAL APÓS PROCISSÃO

Após uma procissão pelas ruas do Centro de Santos, a imagem da santa que protegeu a Cidade contra a invasão de piratas, no século XVII, e foi declarada por lei municipal Padroeira do Município em 1954, chegou à Catedral, onde permanecerá até dia 8 de setembro. A imagem estava na Capela do Monte Serrat, no santuário onde é venerada.

Na presença do bispo diocesano dom Jacyr Francisco Braido, a imagem, com 60 centímetros de altura, feita entre 1652 e 1655 pelo frei Agostinho de Jesus, desceu o monte conduzida pelas escadarias em procissão em um andor levado por soldados do 2º Batalhão de Infantaria Leve (antigo 2º BC de São Vicente).

Ao pé do morro foi embarcada no topo da carroceria de um carro da brigada de incêndios da Guarda Portuária de Santos, seguida pelos fiéis ao longo da Avenida São Francisco, até a Praça José Bonifácio. Entrou na catedral - onde ficará no altar mor até dia 8 - sob uma chuva de pétalas de rosas. No feriado municipal de 8 de setembro será reconduzida ao santuário, também em procissão, parando em frente à Prefeitura, onde segundo a tradição o prefeito João Paulo Tavares Papa.

O culto à Nossa Senhora do Monte Serrat surgiu na Espanha durante a Reconquista, época de lutas entre os cristãos contra os mouros que tinham invadido a Península Ibérica (Portugal e Espanha). Um pastor encontrou, na Catalunha, numa área deserta, uma imagem da Virgem Maria com o menino, dentro de uma caverna. A região tem um relevo muito especial, estranho, de rochas agudas que lembram, no horizonte, os dentes de uma

gigantesca serra de cortar. Daí o nome de Monte Serrat.

Em Santos, a imagem foi colocada no topo de um monte, tal como na Europa, para proteger a cidade.

A Tribuna On-line

Foto do leitor

USO MILITAR DE CAVERNAS NO LAOS, SUDESTE ASIÁTICO



Foto: LIZ PRICE, 2007



Foto: LIZ PRICE, 2007



Foto: LIZ PRICE, 2007



Foto: LIZ PRICE, 2007

VENHA PARA O MUNDO DAS CAVERNAS
Filie-se à SBE

Sociedade Brasileira de Espeleologia

 Clique aqui para saber como se tornar sócio da SBE
Tel. (19) 3296-5421

Filiada à

 

União Internacional de Espeleologia
FEALC - Federação Espeleológica da América Latina e Caribe

Antes de imprimir
pense na sua
responsabilidade
com o meio
ambiente

EXPEDIENTE

SBE *Antropoespeleologia* é uma publicação eletrônica da

SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia.

Telefone/fax. (19) 3296-5421. Contato: historia@sbe.com.br

Comissão Editorial: Luiz Eduardo P. Travassos (Coordenador),

Isabela Dalle Varela e Rose Lane Guimarães.

Revisão: Delci Kimie Ishida

Todas as edições estão disponíveis em www.sbe.com.br

A reprodução deste é permitida, desde que citada a fonte.